

INCÔMODOS “INCIDENTES”

Priscila Pesce Lopes de Oliveira¹

RESUMO

Desejamos instigar a leitura de “Incidentes” (anotações de teor pessoal feitas durante a estadia de Barthes no Marrocos em 1968-69, publicadas postumamente em 1987) e levantar questões sobre possíveis abordagens de leitura, esboçando seu lugar na prática de escrita barthesiana com relação a outros textos autobiográficos e ao romance fantasmado durante o curso “A preparação do romance”.

PALAVRAS-CHAVE: Barthes, Incidentes, autobiografia, escrita

ABSTRACT:

We wish to instigate people to read “Incidentes” (personal notes taken during Barthes’ 1968-69 stay in Maroc, posthumously published in 1987) and raise possible approaches to it, while sketching its place in Barthes’ writing, especially referring to his other autobiographic texts and to the novel intended during the course “La préparation du Roman”.

KEYWORDS: Barthes, Incidentes, autobiography, writing

Nota introdutória

É desejável do leitor um espírito aventureiro, pois este texto, que compactua com Campos/Pessoa (“a única conclusão é morrer”), só constrói para logo em seguida destruir. Tenta diferentes aproximações do objeto, sem conseguir fincar pé em nenhuma; reconhece e aponta as leituras e conceitos de que é feito, porém em forma de tópicos ao fim de cada parágrafo, deixando a referência completa para a seção de bibliografia de modo a não estilhaçar o fluxo; por fim, traz o objeto de pesquisa em abundância por considerar que é obra pouco difundida. Escolhe fazê-lo intercalando fragmentos do objeto com o próprio texto fragmentário, utilizando-os não para corroborar suas hipóteses, mas mesmo *contra* o texto: procura citações imotivadas, que interrompam a leitura ou mesmo contradigam os fiapos de raciocínio; nosso caro objetivo é transpor perguntas, as nossas e as de “Incidentes”, para incomodar.

○ ○ ○

Primeiro contato com Roland Barthes: *Fragments de um discurso amoroso*. O nome bem se aplica a grande parte dos escritos barthesianos, ou ao menos traz três conceitos mil vezes reformulados, mas sempre palpitantes. Todos os três podem pulular na leitura de “Incidentes”, linhas teimosas que não gostam das ideias nem do exame e sorriem, esquivam-se tanto do diário transbordante de subjetividade quanto da literatura cheia de sentido, preferindo o papel branco; póstumas, engavetadas por uma década, prometidas ao editor e amigo François Wahl que pedira algo sobre a homossexualidade de Barthes; escritas ou anotadas ao longo de dois anos em Marrocos e seminais no projeto último, o romance. Um incidente preferido:

¹ Bacharel em Comunicação em Múltiplos Meios pela PUC-SP. Graduanda em Letras-Francês na USP, realiza pesquisa de Iniciação Científica com apoio do PIBIC/CNPq sobre “Incidentes”, de Roland Barthes. É membro do grupo Criação e Crítica. Contato eletrônico: pris_plo@yahoo.com.br

Pela janela do hotel, no passeio um pouco deserto (é domingo de manhã, ainda cedo: ao longe, garotos caminham pela praia para jogar futebol), vejo um carneiro e um cachorrinho, da cauda levantada; o carneiro acompanha o cachorro passo a passo; finalmente, tenta montar nele (BARTHES, 2004, p. 22)^{1, 2}

Migalhas de pão (ou breve biografia): entre os *Fragments* (1977) e “Incidentes” (1968-9, publicação em 1987) houve para mim Barthes semiólogo, no auge do estruturalismo francês; Barthes militante do texto em “A morte do autor” (1968); Barthes leitor visceral de literatura e questionador dos limites da crítica literária em *O Prazer do Texto* (1973); Barthes ainda irônico mas já começando a escorrer pelo ralo da afetividade na auto-biografia (?) *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975); Barthes da guinada em “Durante muito tempo, fui dormir cedo” (1978); Barthes buscando traçar os passos proustianos de crítico a autor literário em *A preparação do romance* (1978-80), dois anos de curso ministrado no Collège de France sobre a nova prática de escrita a que Barthes desejava se dedicar, possível escada no abismo do luto materno. Barthes morreu antes do fim do curso. {Perrone-Moisés}

Ainda nesse volteio, mais incidentes; nada de evidências, só oferta à leitura.

Um bule para o chá de menta, de metal liso, sem botão de plástico, comprado em companhia e com a ajuda do campeão de boxe, peso médio, do Marrocos.

○

Vã procura de uma *djellaba* azul. Observação de Siri: não existem carneiros azuis.

○

Mustafa está apaixonado por seu boné: “Meu boné, eu gosto dele.” Não quer tirá-lo para fazer amor.

○

Início raciniano: com suave complacência: “Você está me vendo? Você quer tocar em mim?”

○

Jardins de Chella: um adolescente alongado, de cabelos lisos, todo vestido de branco, botinhas por baixo do jeans branco, acompanhado por suas duas irmãs veladas, olha demoradamente para mim e cospe: recusa ou contingência?

○

Medina: seis horas da tarde, na rua pontilhada de pequenos vendedores isolados, um homem triste oferece um único facão, à beira da calçada.

○

Na estrada de Marrakech, em Beni-Mellal: um adolescente pobre, Abdelkhaim, que não fala francês, carrega um cesto rústico, redondo. Dou carona para ele por algumas centenas de metros. Mal subiu no carro, tira do cesto uma chaleira e me oferece um copo de chá quente (quente, como?); depois desce, desaparece pelo lado da estrada.

○

Acima da porta, no cimento, o pedreiro Ahmed Midace gravou estas palavras em desajeitadas letras garrafais: COZINHA À FORÇA. O pai não queria essa cozinha acrescentada, a mãe a queria.

○

Dois adolescentes nus atravessaram lentamente o uédi, com o pacote de suas roupas na cabeça.

(BARTHES, 2004, p. 18, 20, 20, 23, 26, 37, 42, 49 e 49)ⁱⁱ

○ ○ ○

² Todos os incidentes citados encontram-se na língua original em notas de fim.

Segundo começo (diário)

Fragments de um discurso amoroso: eu, eu e o outro, o-outro-em-mim-eu-no-outro. O fragmento é a forma da escrita de si tanto em *Roland Barthes por Roland Barthes* (RB/RB) quanto nos “Incidentes” — em alguma medida, diário de Marrocos. Para além da brevidade, o fragmento barthesiano costuma ser aberto, convidar à releitura, à reordenação e a mais escrita. Os brancos encorajam a leitura levantando a cabeça, que não anula o leitor, defendida por Barthes e de certo modo presente na conversa de almas descrita por Proust. {*Sobre a leitura* (Proust), *fragmentos*}

O pequeno I. traz-me flores, um verdadeiro ramalhete campestre: algumas pencas de gerânio, um ramo de rosas silvestres, duas rosas, quatro hastes de jasmim. Esse impulso que teve, foi depois de um grande prazer que lhe dei: escrever o seu nome de várias maneiras à máquina, num papel que lhe ofereci (flores por escrita).

Como deu uma aspirina a um, todos agora têm dor de cabeça e isso está virando distribuição hospitalar (BARTHES, 2004, p. 48-49)ⁱⁱⁱ.

Bem, lendo “Incidentes” logo estranhei aquele amontoado de insignificâncias inúteis. Ainda mais elíptico do que RB/RB, menos analítico de si próprio e do entorno (sem retrato, sequer esboços de um período ou personalidade). Todo perguntas e espaços sem ponto de partida ou de chegada, uma deriva mono-tonal. RB/RB ao menos problematizara questões temáticas e formais...

Do fragmento ao diário

Sob o alibi da dissertação destruída, chega-se à prática regular do fragmento; depois, do fragmento se desliza para o “diário”. Assim sendo, o objetivo disso tudo não é se dar o direito de escrever um “diário”? Não tenho fundamentos para considerar tudo o que escrevi como um esforço clandestino e obstinado para fazer reaparecer um dia, livremente, o tema do “diário” de Gide? No horizonte terminal, talvez esteja simplesmente o texto inicial (seu primeiro texto teve por objeto o *Diário* de Gide).

O “diário” (autobiográfico) está entretanto, hoje em dia, desacreditado. Cruzamentos: no século XVI, quando se começava a escrevê-lo sem repugnância, chamavam-no um *diaire: diarrhée e glaire* (diarréia e ranho).

Produção de meus fragmentos. Contemplação de meus fragmentos (correção, polimento, etc.). Contemplação de meus dejetos (narcisismo). (BARTHES, 2003, p. 110-111).

Igualmente sem conclusões, mas ainda assim uma demarcação reflexiva — mental — assinalando as bombas-relógio que mais tarde deslocariam o corpo e o prazer para o centro da investigação e da produção de Roland Barthes. Participante irônico de uma coleção que reunia, selecionados por especialistas, trechos de pena de autores consagrados que fossem representantes fractais de suas respectivas obras e personalidades, RB/RB é uma comunicação. Envolve construção de um ethos barthesiano — contraditoriedade, ética, legitimação da posição social de analista (intelectual; a maior parte da trajetória de Barthes aconteceu fora da academia), postura crítica diante da própria escrita e do ato de escrever.

{Gaillard; Marty no diário de Gide, *discurso*}

Um certo Jean, jovem professor — de quê? —, se debruça sobre meu livro: “Nunca consegui engolir esse cara (Proust); mas sinto que isso vai chegar.” Seu amigo, Pierre, espantadíssimo, desdenhoso e seco (indiferente à resposta): “O senhor está fazendo anotações?” (BARTHES 2004, p. 45)^{iv}.

Apesar dos redemoinhos (malabarismo de foco narrativo entre a primeira e a terceira pessoas do singular durante o qual o próprio *performer* vislumbra o abismo da corda-bamba), RB/RB sustenta ainda (homonímia do autor e do protagonista, título, paratextos — contracapa, apresentação do autor) uma leitura autobiográfica. Quanto a isso, Barthes declara: “Deve-se considerar tudo isto como dito por um personagem de romance”³. {Lejeune}

Contudo:

O *Diário* não é o relato de uma vida. Se alguém fosse reconstituir a biografia de Gide a partir desta obra, não encontraria mais do que um quebra-cabeças lacunar, não apenas uma narração fragmentada — cheia de dobras e elipses — mas também uma silhueta de traçado tão descontínuo, tão contraditório e rasurado que seria necessário logo renunciar à tarefa empreendida. Silêncios demais constelam o *Diário* [...] e muitos outros acontecimentos, aparentemente insignificantes, saturam-no. (MARTY apud GIDE, 1996, p. IX)⁴

“Incidentes” incomodava; pergunta sem ponto de interrogação; *O que sou*.

“Meu senhor, lembre-se, nunca deve dar carona para um marroquino que o senhor não conhece”, diz-me aquele marroquino a quem dou carona e que não conheço (BARTHES 2004, p. 43)^v.

(Eclusão de uma escrita em que Barthes se despe da persona do intelectual — assume a do professor, uma presença humana integrada no mundo dos homens — e fala dos amores do corpo. Diferentemente de outros escritos autobiográficos, rareiam os incômodos e o tédio da convivência, o prazer ronrona ao fundo, aparecendo muitas vezes como humor.) {“Délibération” (RB 1984a), “Soirées de Paris” (RB 1987b, fragmentos)}

Três jovens Chleus, no alto da falésia, exigem uma lição de francês. “Como se diz...?” Ao lhes responder, noto que o aparelho sexual mantém um paradigma oclusivo: *cu/cona/cacete*. Eles mesmos, imediatamente filólogos, se admiram (BARTHES, 2004, p. 45)^{vi}.

“Incidentes”, diário: fechando o mesmo volume onde eu descobrira a vontade da nova prática de escrita e o romanesco, Barthes se perguntava sobre o diário como atividade de escrita e exibia dois trechos de um diário íntimo (BARTHES, 1984a); estes, como as *Soirées*, sem trabalho formal expressivo. As escolhas estilísticas eram uma nova ponta em meu imbróglio. {“Délibération” (RB 1984a)}

³ Tradução nossa. “Tout ceci doit être considéré comme dit par un personnage de roman” (BARTHES 1995, p. 110)

⁴ Tradução nossa. “Le *Journal* n’est pas le récit d’une vie. À reconstituer la biographie de Gide à partir de cette œuvre, on n’obtiendrait qu’un puzzle lacunaire, non seulement une narration fragmenté — creusé d’ellipses — mais également une silhouette dont le trait serait si discontinu, si contradictoire et si raturé qu’il faudrait renoncer presque aussitôt à l’entreprise. Trop de silences constellent le *Journal* [...] et combien d’autres événements, apparemment insignifiants, le saturent”.

○ ○ ○

Terceiro começo (escritor)

Dois fiscais de trem, inativos, arrastam-se, sentam-se no bar; o mais moço, sorrindo, traz um café para o mais velho, que o recusa sorrindo. Visto mais tarde: o velho é apenas ajudante de fiscal, só tem uma estrela no boné, o jovem tem três. (BARTHES, 2004, p. 38)^{vii}

Prosseguimento da investigação: na contracapa do volume (BARTHES, 1987), por escolha de François Wahl, um trecho da conferência “Durante muito tempo, fui dormir cedo”⁵, sobre Proust e o desejo de escrever:

Coloco-me realmente na posição de quem *faz* alguma coisa, e não mais de quem fala *sobre* alguma coisa: não estudo um produto, endosso uma produção; elimino o discurso sobre o discurso; o mundo já não vem a mim sob a forma de um objeto, mas sob a de uma escritura, quer dizer, de uma prática: passo para outro tipo de saber (o do Amador) (BARTHES, 1988, p. 293-294).

Barthes alinhado pela práxis a escritores, sobretudo ao autor da narração do querer escrever; querendo participar de (ser) aquilo que ama: a literatura. Escrevera-se já alguém que escreve em RB/RB, fantasmando a prática (proto-*A preparação do romance*) ligada a uma leitura de cabeceira: o *Diário* de André Gide.

{identification (RB 2003b), diário}

O escritor como fantasma

Com certeza não há mais nenhum adolescente que tenha este fantasma: *ser escritor!* De que contemporâneo querer copiar, não a obra, mas as práticas, as posturas, aquele modo de passear pelo mundo, com uma caderneta no bolso e uma frase na cabeça (assim eu via Gide, circulando da Rússia ao Congo, lendo seus clássicos e escrevendo seus apontamentos no vagão-restaurante enquanto esperava os pratos; assim o vi realmente, num dia de 1939, no fundo da cervejaria Lutétia, comendo uma pera e lendo um livro)? Pois aquilo que o fantasma impõe é o escritor tal como podemos vê-lo em seu diário íntimo, é *o escritor menos sua obra*: forma suprema do sagrado: a marca e o vazio (BARTHES, 2003c, p. 91-92).

Já bem querido, “Incidentes” mudou de cor com a leitura das aulas sobre o Haiku em *A preparação do romance*. O branco-silêncio era agora murmúrio de leituras estimadas por Barthes e a desconcertante suspensão da atitude crítica marcava materialmente naquela prática uma postura ética — ou seja, um viés literário. Microescrita amoral, feita em situação de viagem, compilação de ocorrências uma sensação de um determinado corpo em um determinado instante, isto é, individuação⁶ em pequenos surtos de tinta na página. Uma fruição mais visceral do que intelectual; “O *tilt* é evidentemente anti-interpretativo: ele bloqueia a interpretação. Dizer: “Ah, a violeta” significa que não a nada a dizer

⁵ BARTHES 1988 (português); BARTHES, 1984c (francês).

⁶ BARTHES, 2003b, p. 106.

sobre a violeta: seu ser repele qualquer adjetivo” (*ibid.*, p. 123)⁷.

{haiku e tilt (RB 2003b), amoroso}

Relação entre as suas mãos finíssimas, cuidadíssimas, limpíssimas (tinha acabado de lavá-las), e a maneira como as mostrava, jogava com elas, incorporava-as, falando, a pequenos movimentos da gesticulação *pied-noir*. Relação entre a extrema finura de suas meias pretas, como de alto luxo, e sua maneira de estender a perna (BARTHES, 2004, p. 36)^{viii}.

O trabalho na língua contra o fascismo da língua (do dizer) aparece já em RB/RB, retorcendo a asserção com parênteses, abundância de adversativas e outras fintas da conclusão (anfibologia⁸: conclusão-final e conclusão-lógica), inclusive os brancos, espaço da deriva ilógica, da interrupção do raciocínio.

{Aula, discurso}

No café Jour et Nuit, um engraxate: olhar e sorriso, aplicação. Chama-se Dreouich (o pequeno dervixe). Ao ir-se embora, já longe, faz-me um sinal de amizade (BARTHES, 2004, p. 28)^{ix}.

“Incidentes”, a-teleológico e procedimento: potencialmente infinito; porém, o peso do **corpo**. Corpo: em RB/RB detectado como palavra-maná. O **corpo** não-adversário da razão, livre para estabelecer outra relação. O **corpo** memória, história, afetos, sentidos, tecendo contato com o mundo na escrita. O **corpo** sensorio-afetivo dos momentos de verdade (afeição fulminante) dos romances-modelo do romance cuja escrita desejava Barthes — *Guerra e Paz*, *Em busca do tempo perdido* —, escrita que diz (faz existir) os seres amados. Barthes existe escritor no amor **corporal**-sexual, no amor do **corpo**-vida que cheira e sente e se diverte. **Corpo** de Zaratustra: {corpo}

Eu sou corpo e alma — assim fala a criança. E por que não poderíamos falar como crianças?

Mas o homem desperto, aquele que sabe, diz: eu sou corpo de lado a lado e nada mais; e alma é apenas uma palavra para alguma coisa que pertence ao corpo. (...)

Instrumento de teu corpo é também esta pequena razão, meu irmão, que chamas de teu “espírito”, um pequeno instrumento e um brinquedo de tua grande razão.

“Eu”, dizes, e te orgulhas desta palavra. Mas o que é ainda maior — no que não queres acreditar — é teu corpo e tua grande razão: ela não diz eu, mas se comporta como eu.

Aquilo que os sentidos experimentam, aquilo que o espírito conhece, jamais tem fim em si. Mas os sentidos e o espírito gostariam de persuadir-te de que são o fim de todas as coisas; é esta a sua pretensão.

Instrumentos e brinquedos são os sentidos e o espírito; por trás deles acha-se ainda o si mesmo. [...]

⁷ Tradução nossa. “Le *tilt* est évidemment anti-interprétatif : il bloque l’interprétation. Dire “Ah, la violette” signifie qu’il n’y a rien à dire de la violette: son être repousse tout adjectif”.

⁸ **Anfibologias**

A palavra “inteligência” pode designar uma faculdade de inteligência ou uma cumplicidade (*estar em inteligência com...*); em geral, o contexto obriga a escolher um dos dois sentidos e a esquecer o outro. R. B., pelo contrário, cada vez que encontra uma dessas palavras duplas, faz com que a palavra conserve seus dois sentidos, como se um deles piscasse o olho para o outro, e como se o sentido da palavra estivesse nessa piscadela, que faz com que *uma mesma palavra, numa mesma frase*, queira dizer *ao mesmo tempo* duas coisas diferentes, e que se desfrute, semanticamente, uma delas através da outra (BARTHES, 2003c, p. 86).

Por trás de teus pensamentos e de teus sentimentos, meu irmão, encontra-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido — ele se chama si mesmo. Ele habita teu corpo, ele é teu corpo (NIETZSCHE apud LEFRANC, 2005, p. 121-122).

o o o

Quarto começo: amor

Ramadã: a lua vai aparecer em breve. É preciso esperar ainda mais meia hora para fazer amor: “Estou começando a sonhar. — Isso é permitido? — Não sei.” (BARTHES, 2004, p. 33)^x

“Incidentes” tematiza o amor e é experiência amorosa de escrita que ama as leituras cometidas e constrói leitura afetiva — o-outro-em-mim-eu-no-outro-em-mim-eu... Ainda com o *haiku*, o conjunto dos “Incidentes” oferta experiência descontínua do tempo que pinça momentos, elimina causas e consequências, erode a hierarquia de importância e de interesse para estabelecer um platô de leitura prazerosa; como contraponto do cansaço ou do tédio de leitura (antagonistas do desejo barthesiano), o *frescor*. O corpo sistematicamente despido de subjetividade (diretriz totalitária da fruição sensorial) e o frequente uso do tempo presente dissolvem distâncias entre eu e mundo (perceptiva), entre escrita e leitura. Os Incidentes tremelicam ainda do prazer do corpo, o *romanesco* se espicha rumo ao interesse de quem lê. (Romanesco de Barthes: já em 1964⁹, nó de prazer de leitura. Faísca de interesse e/ou narratividade; singularidade de potencial preservado opaco.) {“on y va comme à quelque chose qui ne va pas ennuyer” (RB 2003b), *Diário gideano*, romanesco, amoroso}

Entre Agadir e Tamri, no meio da estrada, um ser de uniforme vago: civil, encardido, lambuzado, mas com um boné de funcionário público e um coldre: ele é guarda-florestal. Gosta de romances policiais, pois “também ele, de algum modo, tem função de polícia (vigia os roubos de madeira); pode ser levado a encarar problemas análogos etc.”(BARTHES, 2004, p. 43)^{xi}.

O amor pelos homens jovens é escrito-vivido nos “Incidentes” como pontos elétricos de deleite. Os objetos de desejo, com ou sem nomes, momentos e nunca indivíduos, mordiscam o desejo barthesiano sem constranger nem oprimir.

Visita de um rapaz desconhecido, enviado pelo colega: “O que é que você quer? Por que veio aqui? — É a natureza!” (Outro, outra vez: “É o carinho!”) (BARTHES, 2004, p. 27)^{xii}.

Dez anos depois, nas linhas do diário “Soirées de Paris”, as tentativas de amor frustram, desgastam, entediam (Estatísticas-relâmpago: frustração do desejo amoroso em 9 das 15 narrativas, povoadas — 17 ocorrências flagrantes — também pelo campo semântico de “ennui” (tédio)). O que fazia sorrir em “Incidentes” é incômodo nas Soirées (por exemplo: Barthes procura evitar um gigolô conhecido que quer um livro autografado¹⁰); entre as duas escritas de si, um declínio de satisfação com a

⁹ BARTHES, 1984b.

¹⁰ BARTHES, 1987b, p. 95.

aventura amorosa. A última noite descrita é xeque no desejo barthesiano, acuado pela não-reciprocidade do querer diante de seu corpo velho; *Não desejo o tipo de relação que posso estabelecer com alguém que não me deseja*. A renúncia faz das Soirées uma trajetória rumo ao abismo. Relutância: “Eu sentia esse transbordamento romântico como um valor e estava triste por não poder nunca dizê-lo, “valendo sempre mas do que aquilo que escrevo” (BARTHES, 2004, p. 82). {amor, diário, “Soirées de Paris” (RB 1987b), “je vaut mieux/plus que ce que j’écris” (RB 1995 e 1987b)}

Abdellatif — tão voluptuoso — justifica peremptoriamente os enforcamentos de Bagdá. A culpabilidade dos réus é evidente, já que o processo foi muito rápido: isso significa que o caso era claro. Contradição entre a brutalidade dessa tolice e a tepidez fresca de seu corpo, a disponibilidade de suas mãos, que continuo, bastante estupefato, a segurar e a acariciar enquanto ele recita o seu catecismo vingador.

○

Driss A. não sabe que a porra se chama porra; ele a chama de merda: “Atenção, a merda vai sair”: nada mais traumatizante.

Outro Slau (Mohamed Ginástica) diz seca e exatamente: *ejacular*: “Atenção, vou ejacular.”

○

Lahucine em minha casa. Lahucine fica sentado à minha frente, parado, plácido, inerte a manhã toda. Nunca mãos estiveram tão em repouso: nesse repouso que só um pintor poderia captar. Diante do quê, eu vou agindo de maneira excessiva: fazendo sempre alguma coisa, mudando sem cessar essa alguma coisa: escrevendo, pegando um papel, lendo, apontando um lápis, trocando um disco etc. (BARTHES, 2004, p. 25-26, 27 e 28)^{xiii}.

Afetivo, Barthes constrói o espaço de exploração de si (sua escrita autobiográfica) convidativo para o leitor — que molda a partir de seu desejo, no que se mescla também o desejo barthesiano de escrita. Essa relação, porém, pode ser problemática quando sufoca a afetividade direta, que englobaria todo o ser de Barthes, ou quando, comparadas às duas, a escrita se mostra mais atraente do que o corpo. “Incidentes”, uma década antes do fracasso amoroso e do luto materno, constrói ainda o prazer do corpo, da escrita, da leitura, do amor.

{amoroso}

Felicidade em Mehiula: a grande cozinha, à noite, chuvarada lá fora, a “harrira” que está a ferver, os grandes lampiões de Butagás, todo o balé das pequenas visitas, o calor, a *djellaba* e ler Lacan! (Lacan envolto nesse trivial confortável) (BARTHES, 2004, p. 46)^{xiv}.

Amor, diário, escrita, escrita de si, escrita do amor, escrita amorosa, caminhos que se retorcem e ramificam. Prossigo na leitura tateando abismos de branco ou de tinta. (“Após sua morte, foi encontrada em sua máquina de escrever uma página de um trabalho em curso sobre Stendhal intitulado “Sempre falhamos ao falar do que amamos...”.” (LÉGER apud BARTHES, 2003b, p. 18)¹¹).

{“On échoue toujours à parler de ce qu’on aime...”}

¹¹ Tradução nossa. “À sa mort, on trouve sur sa machine à écrire une page d’un travail en cours consacré à Stendhal et intitulé “On échoue toujours à parler de ce qu’on aime...”

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. “Délibération”. In: *Essais critiques IV*. Le bruissement de la langue. Paris: Seuil, 1984.
- _____. “Durante muito tempo, fui dormir cedo”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. “F.B.”. In: *Essais critiques IV*. Le bruissement de la langue. Paris: Seuil, 1984.
- _____. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. “Incidents”. *Incidents*. Paris: Seuil, 1987.
- _____. “La mort de l’auteur”. In: *Œuvres complètes*. tomo II. Paris: Seuil, 1994.
- _____. *La préparation du Roman I et II*. Cours et séminaires au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980). Paris: Seuil, 2003.
- _____. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
- _____. *Leçon inaugurale*. Paris: Seuil, 1978.
- _____. “Longtemps, je me suis couché de bonne heure”. In: *Essais critiques IV*. Le bruissement de la langue. Paris: Seuil, 1984.
- _____. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Seuil, 1995.
- _____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- _____. “Soirées de Paris”. *Incidents*. Paris: Seuil, 1987.
- GAILLARD, F. *Barthes juge de Roland*. *Communications*, Année 1982, Volume 36, Numéro 1, p. 75 – 83. Disponível em:
<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1982_num_36_1_1539>. Acesso: em 19 jan. 2010.
- LEFRANC, J. *Compreender Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LEJEUNE, P. “L’autobiographie à la troisième personne”. In: *Je est un autre*. L’autobiographie de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980.
- MARTY, E. “Introduction”. In: GIDE, A. *Journal I 1887-1925*. Paris: Gallimard, 1996.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PROUST, M. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 2003.

Artigo recebido em: 09/03/2010

Artigo aprovado em: 09/03/2010

Referência eletrônica: PESCE, Priscila. Incômodos “Incidentes”, *Revista Criação & Crítica*, n. 4, p. 171-181, 2010.
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/14CC_N4_PPesce.pdf>

ⁱ Par la fenêtre de l'hôtel, sur la promenade un peu déserte (c'est dimanche matin, encore tôt : au loin, des garçons vont sur la plage pour y jouer au football), je vois un mouton et un petit chien, la queue en trompette ; le mouton suit le chien pas à pas ; enfin, il essaye de le monter. (BARTHES, 1987a, p. 33)

ⁱⁱ Une théière pour le thé à la menthe, en métal uni, sans bouton de plastique, achetée en compagnie et avec l'aide du champion de boxe, poids moyens, du Maroc.

○

Recherche vaine d'une djellaba bleue. Remarque de Siri : il n'y a pas de moutons bleus.

○

Mustafa est amoureux de sa casquette : "Ma casquette, je l'aime." Il ne veut pas la quitter pour faire l'amour.

○

Début racinien : avec une complaisance douce : "Vous me voyez ? Vous me voulez toucher ?"

○

Jardins du Chella : un adolescent élongé, aux cheveux lisses, habillé tout de blanc, bottillons sous le jean blanc, accompagné de ses deux sœurs voilées, me regarde longuement et crache : refus ou contingence ?

○

Médina : à six heures du soir, dans la rue parsemée de petits vendeurs isolés, un homme triste propose un seul hachoir sur le bord du trottoir.

○

Sur la route de Marrakech à Beni-Mellal : un adolescent pauvre, Abdelkhâïm, ne parlant pas français, porte un panier rustique, rond. Je le prends en stop pour quelques centaines de mètres. A peine monté dans l'auto, il tire de son panier une théière et me tend un verre de thé chaud (chaud, comment ?) ; puis il descend, disparaît sur le côté de la route.

○

Au-dessus de la porte, dans le ciment, le maçon Ahmed Midace a gravé ces mots en grandes lettres maladroites : cuisine par force. Le père ne voulait pas de cette cuisine ajoutée, la mère la voulait.

○

Deux adolescents nus ont traversé lentement l'oued, leurs vêtements en paquet sur la tête. (BARTHES, 1987a, p. 28; 30a; 30b; 34; 37; 49; 54; 60 e 61)

ⁱⁱⁱ Le petit I. m'apporte des fleurs, un vrai bouquet champêtre : quelques têtes de géranium, une branche d'églantines rouges, deux roses, quatre brins de jasmin. Ce mouvement qu'il a eu, c'est à la suite d'un grand plaisir que je lui ai fait : écrire son nom de plusieurs façons à la machine, sur un papier que je lui ai donné (des fleurs contre l'écriture).

Ayant donné une aspirine à l'un, tous ont maintenant mal à la tête et cela tourne à la distribution d'hôpital. (BARTHES, 1987a, p. 59-60)

^{iv} Un certain Jean, jeune professeur — de quoi ? —, se penche sur mon livre : "J'ai jamais pu me le farcir, celui-là (Proust) ; mais je sens que ça vient." Son ami, Pierre, ahuri, dédaigneux et sec (indifférent à la réponse) : "Vous prenez des annotations ?" (BARTHES 1987a, p. 57)

^v "Monsieur, rappelle-toi, tu ne dois jamais prendre (en stop) un Marocain que tu ne connais pas", me dit ce Marocain que je prends en stop et que je ne connais pas. (BARTHES 1987a, p. 55).

^{vi} Trois jeunes Chleus, sur la falaise, exigent une leçon de français. "Comment dit-on... ?" En leur répondant, je m'aperçois que l'appareil sexuel tient dans un paradigme occlusif : *cul/con/queue*. Eux-mêmes, immédiatement philologues, s'en étonnent. (BARTHES, 1987a, p. 57)

^{vii} Deux contrôleurs de train, inactifs, traînaillent, s'assoient au bar ; le plus jeune porte en souriant un café au vieux, qui s'en défend en souriant. Vu plus tard : le vieux n'est que l'aide-contrôleur, il n'a qu'une étoile sur sa casquette, le jeune en a trois. (BARTHES, 1987a, p. 50)

^{viii} Rapport entre ses mains très fines, très soignées, très propres (il venait de se les laver), et la façon dont il les montrait, les jouait, les incorporait, en parlant, à de petits mouvements du gestuaire pied-noir. Rapport entre l'extrême finesse de ses chaussettes noires, comme de haute luxe, et sa façon d'étendre la jambe. (BARTHES, 1987a, p. 47)

^{ix} A Jour et Nuit, un cireur : regard et sourire, application. Il s'appelle Driouich (le petit derviche). En partant, déjà loin, il me fait un signe d'amitié. (BARTHES, 1987a, p. 39)

^x Ramadan : la lune apparaîtra bientôt. Il faut attendre encore une demi-heure pour faire l'amour : "Je commence à rêver. — Ça, c'est permis? — Je ne sais pas." (BARTHES, 1987a, p. 45)

^{xi} Entre Agadir et Tamri, sur la route, un être à l'uniforme vague : civil, crasseux, déjeté, mais une casquette de fonctionnaire et une gaine de revolver : il est garde forestier. Il aime des romans policiers, car "lui aussi, en quelque sorte il fait de la police (surveille les vols de bois) ; il peut être amené à se trouver devant des problèmes analogues, etc.". (BARTHES, 1987a, p. 55)

^{xii} Visite d'un garçon inconnu, envoyé par son copain : "Qu'est-ce que tu veux? Pourquoi viens-tu? — C'est la nature !" (Autre, une autre fois : "C'est la tendresse !") (BARTHES, 1987a, p. 37)

^{xiii} Abdellatif — si voluptueux — justifie péremptoirement les pendaisons de Bagdad. La culpabilité des accusés est évidente puisque le procès a été très rapide : c'est donc que le cas était clair. Contradiction entre la brutalité de cette bêtise et la tiédeur fraîche de son corps, la disponibilité de ses mains, que je continue, asses hébété, à tenir et à caresser pendant qu'il débite son catéchisme vengeur.

○

Driss A. ne sait pas que le foutre s'appelle du foutre ; il l'appelle de la merde: "Attention, la merde va sortir" : rien de plus traumatisant.

Un autre Slaoui (Mohammed Gymnastique) dit sèchement et exactement : *éjaculer* : "Attention, je vais éjaculer."

○

Lahoucine à la maison. Lahoucine est assis en face de moi, inactif, placide, inerte toute la matinée. Jamais des mains m'ont été autant au repos : dans ce repos que seul pourrait saisir un peintre. Face à quoi, j'agis d'une façon excessive : faisant toujours quelque chose, changeant sans cesse ce quelque chose : écrivant, prenant un papier, lisant, aiguisant un crayon, remplaçant un disque, etc. (BARTHES, 1987a, p. 36, 38 e 39)

^{xiv} Bonheur à Mehioula : la grande cuisine, à la nuit, l'orage dehors, la harrira qui bout, les grosses lampes, à Butagaz, tout le ballet des petites visites, la chaleur, la djellaba et lire du Lacan ! (Lacan gagné par ce trivial confortable.) (BARTHES, 1987a, p. 58)